

9ª LIÇÃO

CRIAÇÃO VS. EVOLUÇÃO [PARTE 1]

Existem duas explicações mutuamente exclusivas e diferentes para a origem do Universo e da vida nele: a evolução e a criação. Ambos os conceitos podem ser explorados como modelos científicos, já que ambos podem ser usados para explicar e prever certos factos científicos. Obviamente a concepção que faz um melhor trabalho em explicar/prever é o modelo científico. Para examinar propriamente os dois modelos, cada um destes deve ser comparado com os factos disponíveis. Nesta lição gostaríamos de examinar em particular a evidência do registo fóssil. – primeiro, já que esse registo se relaciona geralmente à controvérsia criação/evolução, e segundo, já que o registo se relaciona especificamente ao assunto da origem humana.

Enquanto consideramos a evidência, é essencial saber exactamente que predizem os modelos da evolução e a criação para que assim as predições sejam comparadas a informação real. O modelo da evolução prediz que: **(a)** as rochas “mais antigas” conteriam evidência das formas mais “primitivas” de vida, capazes de fossilização; **(b)** as rochas “mais jovens” exibiriam formas de vida mais “complexas”; **(c)** seria aparente uma mudança gradual no organismo do “simples ao composto”; e **(d)** se fariam presentes formas transaccionais. O mesmo Charles Darwin declarou em *Origem das Espécies* que “o número de variedades intermédias, as quais existiram antigamente, [deve] ser realmente enorme”. Não obstante, ele chegou a admitir:

A geologia com toda a segurança não revela tal mudança orgânica minuciosamente classificada; e isto, talvez, seja a objecção mais óbvia e mais séria que pode ser argumentada contra esta teoria. A explicação baseia-se, na imperfeição extrema do registo fóssil (1956, pp. 292-293).

Efectivamente este foi um problema para a teoria de Darwin, e todavia permanece sendo um problema para a versão moderna da evolução. Depois de tudo, não é um pouco ridículo esperar que a gente aceite uma teoria científica como verdadeira, quando os seus

defensores têm que explicar porque é que muito da evidência crucial falta? Isto seria como um advogado que trata um caso de homicídio num processo judicial, e que diz no seu discurso de abertura: “Nós sabemos que o acusado é culpado de homicídio, embora não possamos encontrar uma razão, a arma, o corpo, ou algum testemunho”.

Assim, é verdade que o registo fóssil é imperfeito. Darwin sugeriu uma razão para essa imperfeição: a investigação insuficiente. Em 1859 (quando Darwin escreveu o seu livro), a maioria da colecção de fósseis tinham sido feitas na Europa e nos Estados Unidos. Não obstante, depois de mais de 140 anos de trabalho paleontológico, a defesa de Darwin não pôde ser mais sustentada. De facto, um geólogo evolucionista, T.E. George da grã-bretanha, declarou mais de quarenta anos atrás: “Não há necessidade para desculpar-se nunca mais pela pobreza do registo fóssil. Em algumas formas tem chegado a ser quase incontrolavelmente rico” (1960, 48[1]:1-5).

Por outro lado, o modelo de criação prediz que: **(a)** as rochas “mais antigas” nem sempre conteriam a evidência da forma mais “primitiva” de vida, e as rochas “mais jovens” nem sempre conteriam evidência da forma mais “complexa” de vida; **(b)** nem sempre apareceria uma forma de progressão de vida do simples-ao-complexo; em contrário haveria um repentino “estalido” de formas de vida diversas e complexas; e **(c)** teria uma ausência óbvia e regular de fósseis transaccionais, e que não houve formas transaccionais.

Os evolucionistas e os criacionistas sim estão de acordo numa coisa: Se deve haver alguma **evidência física** para a evolução, por necessidade, terá que vir do registo fóssil, porque é somente aqui que a evidência histórica real da evolução pode ser localizada. No passado, alguns equivocadamente pensaram que foi dentro do registo das rochas – “o museu da natureza” –que a evolução finalmente seria documentada. Não obstante, quanto mais e mais achados foram descobertos, chegou a ser claro que a evidência do registo fóssil se **opõe** fortemente à evolução e **sustém** fortemente à criação.

Primeiro, considere a predição do modelo da evolução de que o registo fóssil deveria revelar uma progressão de formas de vida do simples-ao-complexo. Até recentemente, um exame do estado Pré-

câmbrico da tabela de tempo geológico (a capa mais baixa dessa tabela de tempo) mostrou evidência indiscutível de formas fósseis multicelulares, enquanto que a capa Câmbrica (a seguinte capa mais alta) mostrou um repentino “estalido” de formas de vida. Em anos passados, este foi um problema sério e fundamental para a teoria evolutiva. Hoje em dia, os evolucionistas sugerem que encontraram, na era Pré-câmbrica, animais multicelulares que não tinham esqueleto. Classificados colectivamente como o complexo fóssil Endiacarão, estes achados incluem animais que se parecem às medusas, possivelmente relacionados aos corais, e aos gusanos segmentados. Mas, inclusivamente com estes novos achados, o problema fundamental para os evolucionistas persiste, já que na capa Câmbrica encontramos fósseis de muitas diferentes classes de animais, enquanto que nas capas debaixo destes fósseis, encontramos somente alguns organismos “como-medusas”. Os evolucionistas propõem que estes organismos devem representar os antepassados de todos os fósseis no estrato Câmbrico, mesmo assim, **não há formas tradicionais** para sugerir tal reacção. O problema dos “antepassados que faltam” nas rochas Pré-câmbricas é grave como sempre o foi.

Segundo, o registo fóssil deve oferecer apoio para a evolução, deve demonstrar uma sequência bem definida de formas intermédias completamente funcionais, pelo que pretendemos dizer que certas condições devem ser reunidas antes que um organismo (fóssil ou vivo) possa ser considerado como uma forma intermédia verdadeira. Isso significa que nós deveríamos ver partes transaccionais do corpo tais como metade escamas/metade plumas, ou animais que são algo como metade répteis/metade mamíferos. Sem dúvida, o registo fóssil não satisfaz as condições para alguma forma transaccional. Por exemplo, os mamíferos tomam muitas formas, mas todos são igualmente mamíferos; as aves variam grandemente, mas todas são avícolas. O paleontólogo de Harvard Stephen J. Gould declarou que a ausência de tapas intermediárias de fósseis têm permanecido como um “problema persistente e fastidioso para o relato gradual da evolução” (1980, p.127). Efectivamente tem sido – e todavia o é mais depois de duas décadas que o fez esse reconhecimento!

O modelo da criação prediz um “estalido” repentino de vida – com plantas e animais completamente formados. O modelo da criação prediz uma mistura de formas de vida. O modelo da criação prediz uma ausência sistemática de formas transaccionais. A evidência do registo fóssil claramente mostra: **(a)** vida

completamente formada aparecendo repentinamente; **(b)** uma mistura de formas de vida (por exemplo, quase todas, senão todas, da divisão no período Câmbrico; e **(c)** uma falta óbvia de formas transaccionais.

Hoje em dia os evolucionistas, com segurança, estão numa posição vergonhosa. Não podem encontrar nem as formas transaccionais que a sua teoria demanda, nem o mecanismo para explicar como os processos evolutivos supostamente ocorrem. Não obstante, os factos calçam no modelo da criação perfeitamente.

Tanto os criacionistas como os evolucionistas estão de acordo de que os fósseis existem, e que estes representam o meio ambiente no qual uma vez viveram. Sem dúvida, não é o fóssil em si mesmo o que os criacionistas questionam, mas pelo contrário a **interpretação** colocada sobre esses fósseis pelos evolucionistas. E em nenhuma parte é isto mais evidente (ou mais fundamentalmente importante) que nos fósseis que se relacionam com a evolução humana – uma área que gostaríamos de investigar mais nesta lição.

O REGISTO FÓSSIL E A EVOLUÇÃO HUMANA

Vamos ser discretos acerca de uma coisa. De todas as ramas que devem ser encontradas acerca desta infame “árvore da vida evolutiva”, a que guia o homem, deveria ser a mais documentada. Depois de tudo, já que são considerados a chegada evolutiva mais recente, os fósseis pré-humanos supostamente teriam estado expostos a processos naturais de decomposição por menos prazo de tempo, e assim, deveriam estar melhor preservados e mais fáceis de encontrar que qualquer outro. [Considere, por exemplo, quantos fósseis de dinossauros possuímos, e se supõe que esses animais deveriam ter existido há mais de cem milhões de anos!] Em adição, já que os fósseis hominídeos são de maior interesse para o homem (porque se supõe que estes representam o seu passado), é seguro dizer que mais pessoas têm estado buscando por isso muito mais tempo que por algum outro tipo de fósseis. Se existe alguma forma transaccional real em algum lugar no mundo, esta deveria ser documentada mais abundantemente na linha que guia desde o primeiro primata até ao homem moderno. Com segurança, os fósseis neste campo têm recebido mais publicidade que em nenhum outro. Mas exactamente, que revela o registo fóssil humano? Qual é a sua mensagem central?

Lyall Watson, ao escrever na revista *Science Digest*, declarou sem rodeios: “Os fósseis que decoram nossa árvore genealógica são tão escassos que há ainda mais cientistas que espécimes. O

facto remarcável é que toda a evidência física que temos para a evolução humana pode ainda ser colocada, com espaço de sobra, dentro de um simples Féretro” (1982, p. 44). E, relativamente poucos fósseis da “árvore genealógica” têm sido encontrados desde que este enunciado foi feito.

Desde então, o público geralmente não tem ideia de quão escassa exactamente, e quão fragmentária (literalmente!), é a “evidência” para a evolução humana. Além disso, é praticamente impossível determinar que “árvore genealógica” uma pessoa deve aceitar. Richard Leakey (da famosa família caça-fósseis em África) surgiu um. A sua falecida mãe, Mary Leakey, propôs outro. Donald Johanson, presidente do Instituto de Origens Humanos em Berkeley, Califórnia, propôs todavia outro. E Meave Leakey (a esposa de Richard) propôs todavia um mais. Numa reunião anual da associação Americana pela Difusão da Ciência, muitos antropólogos de todo o mundo desceram da cidade de Nova York para ver fósseis homínídeos exibidos pelo Museu Americano de História Natural. Reportando acerca desta exposição, a revista *Science News* teve isto para dizer:

Uma pessoa alguma vez se interroga se os orangotangos, chimpanzés e gorilas alguma vez se sentam à volta da árvore contemplando quem é o parente mais próximo do homem. (e eles gostariam ser?) Talvez eles ainda se riem entre dentes pelas maquinações dos cientistas, quando eles competem para pintar o mapa definitivo da evolução na terra. Se são colocadas uma em cima da outra, todas estas versões competitivas de nossa via evolutiva fizeram a autópsia de Os Anjos luzir como a Carreteira de Campo 41 em Elkhart, Indiana (veja “Whose Apels It, Anyway?” 1984, p. 361).

Como, à luz de tais confissões, podem os cientistas evolucionistas possivelmente defender a ideia da evolução símio/humana como um “factor científico provado”?

A família de primatas (hominídea) supostamente consiste de dois géneros comumente aceites: *Australopitecos* y *Homo*. Embora seja impossível apresentar **algum** panorama de evolução humana, sobre o que inclusivamente os evolucionistas mesmo estariam de acordo, actualmente o panorama alegado (colhido dos próprios escritos dos evolucionistas) pode apresentar-se como isto:

Aegiptopitecos zeuxis (28 milhões de anos atrás) → *Driopitecos africanus* (20 milhões) → *Ramapitecos brevis* (12-15 milhões) → *Orrorin tugenensis* (6 milhões) → *Ardipitecos ramidus* (5.8-4.4 milhões) → *Kenianthropos platyops* (3.8 milhões de anos) → *Australopitecos Anamensis* (3.5 milhões) → (3.4) *Australopitecos afarensis* (3.4 milhões) → *Homo habilis* (1.5 milhões) → *Homo erectus* (2.0.4 milhões) → *Homo sapiens* (0.3) milhões ao presente.

Agora, aqui está o equivocado com tudo isto. *Aegiptopitecos zeuxis* tem sido chamado por Richard Leakey “o primeiro símio que surgiu do depósito de monos do Antigo Mundo “ (1978, p. 52). Não há controvérsia nisto; o animal na verdade é um símio. O *Driopitecos africanus* é (segundo Leakey) “o depósito do qual todo o símio moderno evoluciona” (P. 56). Mas como os evolucionistas David Pilbeam e Elwyn simons assinalaram, o *Driopitecos* já estava “demasiado comprometido com a família dos símios” como para ser o progenitor do homem (1971, p. 23). Não há controvérsia nisto; o animal na verdade é um símio. Então, quê acerca do *Ramapitecos*? Graças ao trabalho adicional de Pilbeam, nós sabemos que o *Ramapitecos* não foi um homicida em absoluto, mas meramente outro símio (1982, 295: 232). Não há controvérsia nisto; o animal na verdade é um símio. Então, que diremos destes três “antepassados” que formam a raiz principal da árvore genealógica do homem? Simplesmente diremos o mesmo que os evolucionistas disseram: Os três foram nada mais que os símios.

Os 13 fragmentos fósseis que formam o *Orrorin tugenensis* (fêmures rotos, pedaços de mandíbula inferior, e vários dentes) foram encontrados nas Colinas de Tugen em Kenia no Outono de 2000 por Martin Pickford e Brigitte Senut de França, e têm sido polémico desde então. Se *Orrorin* fosse considerado um antepassado humano, seria anterior a outros candidatos por volta de 2 milhões de anos. Não obstante, Pickford e Senut, num panorama mais drástico, sugeriram que **todos os australopitecinos** – mesmo aqueles considerados como nossos antepassados directos – deveriam ser relegados a uma rama lateral de extremos mortos a favor de *Orrorin*. Sem dúvida, o paleontólogo David Bengun da Universidade de Toronto declarou que os cientistas não puderam dizer se *Orrorin* esteve “sobre a via aos humanos, a via aos chimpanzés, a um antepassado comum de ambos, ou só a uma rama lateral extinta” (2001).

Em 1994, Tim White e seus co-trabalhadores descreveram uma nova espécie conhecida como *Australopithecus ramidus* (renomeada um ano depois como *Ardipithecus ramidus*), que foi datada em 4.4 milhões de anos. A edição de Agosto de 1999 da revista *Time* continha um artigo especial, “Up From the Apes” (“Vindo dos Símios”), acerca da criatura. Ao princípio, quando se encontrou (e quando todavia considerava um australopiteco), morfologicamente esse foi o mais antigo australopiteco mais parecido a um símio, ainda descoberto, e assim parecia ser um bom candidato para o antepassado comum mais distante dos hominídeos. Sem dúvida, o Dr. White finalmente admitiu que o *A. ramidus* não foi um eslabón perdido, mas, pelo contrário, tinha numerosos “rasgos como de chimpanzé”. Um ano depois, Meave Leakey e colegas descrevem o *Australopithecus anamensis* de 3.5-4.2 milhões de anos de idade, um taxón que porta similitude assombrosas com o *Ardipithecus* (um chimpanzé de verdade) e *Pan* (o género real dos chimpanzés). Em, 1997, alguns investigadores descobriram outro *Ardipithecus* – *A. Ramidus Kadabba* – que foi datado em 5.8-5.2 milhões de anos de idade. [O *Ardipithecus ramidus* original logo foi renomeado *A. Ramidus ramidus*]. Uma vez mais, a revista *Time* circulou uma história de primeiro plano sobre este presunto “elo perdido” (em sua edição de 23 de Julho de 2001). Que foi o que convenceu aos evolucionistas que *Kadabba* caminhava direito e que estava na senda para chegar a ser um homem? Um simples osso do dedo do pé!

Logo, na edição de 22 de Março de 2001 da revista *Nature*, Meave Leakey e seus co-autores anunciaram o descobrimento de de *Keniantropos* (“homem de cara plana de Kénia”). Os autores descobriram o seu achado como “um osso temporal bem preservado, das maxilas parciais, dentes isolados, e o que é mais importante um crânio grandemente completo, **embora distorcido**” (410:433). Leakey colocou uma quantidade tremenda de importância no plano do rasgo fácil deste achado, devido ao factor amplamente reconhecido, que as criaturas mais modernas, supostamente possuíam uma verdadeira estrutura facial mais plana que seus supostos antepassados mais antigos e mais parecidos aos símios. Não obstante, isto não é um pequeno problema, já que as criaturas mais jovens que *K. platyops*, e por isso mais perto ao *Homo sapiens*, tem rasgos faciais muito mais pronunciados como de símios. O *K.platyops* foi datado em 3.8 milhões de anos, e todavia tem uma cara muito mais plana que qualquer outro homem dessa idade. Portanto, o panorama evolutivo parece estar movendo-se na direcção equivocada. Alguns têm argumentado que

K. platyops pertence mais apropriadamente ao género *Australopitecos*.

O *Australopitecos afarensis* foi descoberto por Donald Johanson em 1974 em Hadar, Etiópia. O Dr. Johanson sustém que a criatura (conhecida como “Lucy”) é o antepassado directo do homem (veja Johanson, 1981). Numerosos evolucionistas estão fortemente em desacordo. Don Solly zuckerman, famoso anatomista britânico, publicou o seu ponto de vista no seu livro, *Beyond the Ivory Tower (Mas Allá de la Torre Marfil)*. Ele estudou os australopitecos por mais de 15 anos e concluiu que se o homem descendesse de um antepassado como o símio, o fez sem deixar um rasto simples no registo fóssil (1970,p.64). Alguém pode dizer, “Mas o trabalho de Zuckerman foi realizado antes que Lucy fosse descoberta”. Verdadeiro, mas esse mal entende o ponto. A investigação de Zuckerman – que estabeleceu definitivamente que os australopitecos foram nada mais que símios caminhando sobre seus os nós dos dedos – foram feitos sobre fósseis **mais recentes** (isto é., mais próximos ao homem) que Lucy! Se achados mais recentes são nada mais que símios, como uma espécie **mais antiga**, pode ser “mais humano”? Enquanto estava na Universidade de Chicago, Charles Oxnard reportou a sua análise multivariada calculista, que documentava que os australopitecos não eram nada mais que símios que caminhavam em seus nós dos dedos (1971,pp.389-395). Logo, na edição de Abril de 1979 da revista National Geographic, Mary Leakey reportou encontrar pegadas – datadas inclusivamente mais antigas que Lucy, em 3.6-3.8 milhões de anos – tanto que ela admitiu que foram “remarcavelmente similares aqueles do homem moderno” (p.446). Se Luvy deu origem aos humanos, então, como puderam os humano ter existido mais de 500.000 anos antes que esta, como para fazer tais pegadas? [veja Lubenow, 1992, pp. 45-48 para uma refutação detalhada de Lucy].

Quê acerca do *Homo habilis*? J. T. Robinson e David Pibeam faz muito tempo atrás argumentou que o H. habilis é o mesmo que *A. Africanus*. Louis Leakey (o pai de Richard) mesmo declarou: “Eu sustento que morfologicamente é quase impossível considerar ao *Homo habilis* como representante de uma etapa entre o *Australopitecos africanus* e o *Homo erectus*” (1966,209:1280-1281). O Dr. Leakey logo reportou a existência contemporânea de fósseis *Australopitecos Homo habilis*, e o *H. erectus* em Olduval Gorge (veja M.D. Leakey, 1971, 3:272). Mesmo mais surpreendente foi o descobrimento de Mary Leakey dos restos de uma cabana circular

de pedra no fundo de Bed em Olduvai Gorge – fóssil **debaixo** do *H. habilis*! Os evolucionistas, faz muito tempo, atribuíram a fabricação deliberada de refúgio só ao *Homo sapiens*, sem dúvida o Dr. Leakey descobriu aos australopitecos e ao *H. habilis* junto com vivendas fabricadas. Como Duane Gish perguntou: “se os *Australopitecos*, *Homo habilis*, e *Homo erectus* existissem contemporaneamente, como pode ter sido um antepassado do outro? E como pode alguma destas criaturas ser antepassado do Homem, quando os artefactos do Homem são encontrados num nível estratigráfico mais baixo, directamente debaixo, e por isso mais antigos no tempo que estes supostos antepassados do Homem?” (1995, p. 271). Boa pergunta!

E quê acerca do *Homem erectus*? Examine uma cópia da edição de Novembro de 1985 da *National Geographic* veja se pode detectar algumas diferenças entre as fotos do *Homo erectus* e o *Homo sapiens* (pp.576-577). O facto é que, não há diferenças reconhecidas. Como Ernst Mayr, o famoso evolucionista taxonomista de Harvard remarcou: “A fase do *Homo erectus* está caracterizada por um esqueleto do corpo que, até onde sabemos, não difere do homem moderno em algum ponto essencial” (1965, p. 6329). A evidência fóssil para a evolução (humana ou não) simplesmente não se encontra ali. Os símios sempre foram símios, e os humanos sempre têm sido humanos.

&&&&&&&